



ALICE RUIZ E O FEMINISMO: A POESIA NA SALA DE AULA¹

ALICE RUIZ AND FEMINISM: POETRY IN THE CLASSROOM

Marivaldo Omena Batista²
Renata Junqueira de Souza³

Resumo: O projeto estético de Alice Ruiz apresenta uma perspectiva temática que se aproxima das discussões em torno do feminismo e da condição da mulher no contexto social, o que pode direcionar o jovem leitor a uma percepção estética, ética e política. Com efeito, a nossa comunicação tem como propositura elencar uma sugestão metodológica que favoreça a recepção das escritas da poeta curitibana na sala de aula. Desse modo, Cohen (1974), Solé (1998), Giroto e Souza (2010) e Zolin (2009) iluminam as nossas considerações acerca da poética de Alice Ruiz, como também das suas contribuições para a formação de leitores.

Palavras-chave: Poesia. Alice Ruiz. Crítica feminista. Formação de leitores.

Abstract: Alice Ruiz's aesthetic project presents a thematic perspective that approaches the discussions around feminism and the condition of women in the social context, which can direct the young reader to an aesthetic, ethical and political perception. In fact, our communication has the purpose of listing a methodological suggestion that favors the reception of the writings of the poet from Curitiba in the classroom. In this way, Cohen (1974), Solé (1998), Giroto and Souza (2010) and Zolin (2009) illuminate our considerations about Alice Ruiz's poetics, as well as her contributions to the formation of readers.

Keywords: Poetry. Alice Ruiz. Feminist critique. Reader formation.

¹ Artigo recebido em 17 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 30 de setembro de 2021.

² Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela UFAL (2012). Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG (2016). Atualmente iniciou os estudos em nível de Doutorado em Letras pela UFPB. É funcionário da Secretaria Municipal de Educação de Sertânia-PE. E-mail: mobj-de88@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8996-9891>.

³ Possui graduação em Letras pela UNESP (1987), mestrado em Linguística e Letras pela PUC-RG (1990), doutorado em Letras pela UNESP (2000) e é livre-docente pela mesma Instituição (2012). Atualmente é professor visitante da Universidade do Minho e professor assistente doutor da UNESP. E-mail: recellij@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>.

Alice Ruiz e o feminismo: a visibilidade da voz feminina

O projeto estético de Alice Ruiz permite uma reflexão em torno da visibilidade da mulher, como também da consolidação da subjetividade feminina a partir de uma linguagem que reinventa e desconstrói padrões de escritas preestabelecidos por escritores tradicionais. No que concerne ao protagonismo feminino, a poeta apresenta um discurso que contrapõe a uma ideologia dominante, sobre o qual contesta os espaços ocupados por uma classe privilegiada, que silencia e desautoriza as minorias. Com efeito, compreendemos o poder dominante como tudo aquilo que, de acordo com Zolin (2009), é relacionado ao homem branco, heterossexual e de classe média/alta. Ainda em consonância com a estudiosa, este perfil de sujeito impõe limitações que desfavorecem a ampliação das expressões e manifestações culturais de gênero, de raça e de etnias.

No que se refere à subjetividade feminina, as escritas de Alice Ruiz lançam mão de um conjunto de experiências e vivências de mundo que refutam as representações estereotipadas da mulher. Desse modo, as temáticas acerca do corpo, da sexualidade, do amor, do matrimônio e das masculinidades são rechaçadas e ressignificadas por uma voz lírica que se posiciona e que se insere poeticamente no campo social. Dentro desse contexto, pretendemos neste artigo analisar o projeto estético da compositora curitibana através da crítica feminista, a fim de compreender como esta poética afronta e desconstrói o pensamento e a subjetividade patriarcal. Concomitante à reflexão, contemplaremos a construção estética da poeta com a finalidade de apreciar os estilos e as formas de escrita que subvertem aos ideais tradicionais de composição. No segundo momento das nossas discussões, elencaremos uma sugestão metodológica para a mediação dessa poesia na sala de aula, visto que consideramos significativo a sua incursão no ensino de literatura.

A crítica feminista, conforme Zolin (2009, p. 327), surgiu por volta dos anos de 1970, sob a influência das ideologias que compunham a pós-modernidade, do pós-estruturalismo e dos primeiros movimentos de massa dos anos de 1960. Dentro desse contexto, o feminismo possibilitou visibilizar as vozes das minorias, como, por exemplo, mulheres, negros e negras, homossexuais e a classe trabalhista, exigindo a quem as oprimem os direitos civis, políticos e artísticos. Esta conjectura, por conseguinte, tem como propositura impulsionar a desestabilização das estruturas falocêntricas⁴ e dos saberes reconhecidos pelo patriarcado e por instituições conservadoras, que, segundo Schmidt (1999), dispõem a intenção de deslegitimar a luta da mulher no espaço social, intelectual e literário.

⁴ O falocentrismo é uma expressão de Zolin (2009), em que a estudiosa critica o pensamento que prevalece a superioridade masculina.

No que diz respeito às instituições conservadoras, abordaremos o cânone literário como uma forma de organização de influências patriarcais. Desse modo, a “alta literatura” promove a invisibilidade das escritas de autoria feminina, o que favorece, portanto, a anulação dessas vozes e dessas experiências de mundo nas academias e, sobretudo, nas escolas. As obras conclamadas por estudiosos e acadêmicos tradicionais, de inspirações estruturalistas, apresentam um conjunto de características que pertencem à representatividade da classe dominante: homem branco, elitizado e urbano. Sendo assim,

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo (ZOLIN, 2009, p. 327).

Estas considerações corroboram a perspectiva ideológica predominante de estudiosos e escritores tradicionais a quem organizam a escolha das obras para a formação do cânone literário. Ainda em consonância com Zolin (2012, p. 108), a literatura canônica gira em torno dos interesses ideológicos dos homens heterossexuais e cultos. A partir desse viés, estes aspectos favorecem a desvalorização de uma produção de autoria das minorias, como também contribui para impossibilitar a sua vinculação nos espaços acadêmicos e escolares.

A partir desse íterim, analisar o processo de composição poética feminina é possibilitar a desconstrução do pensamento patriarcal, assim como evitar a proliferação de um discurso inflamado de preconceito em relação à escrita da mulher. Desse modo, a apreciação do projeto estético de Alice Ruiz sob a luz do feminismo e da sua fortuna crítica favorece o direcionamento de um conjunto de práticas sociais, de sentimentos e de inquietações pertinente ao olhar feminino para o campo artístico, intelectual e político.

Alice Who is: a voz da mulher na poesia

Alice Who is⁵ é uma espécie de assinatura que a poeta adotou para assinar alguns dos seus poemas, uma brincadeira com o seu nome. Com esta onomatopeia, podemos apresentá-la: nascida em 22 de janeiro de 1946, Alice Ruiz

⁵ Na tese *Navalhanaliga: a poética feminista de Alice Ruiz*, Murgel (2012) discute a expressão “Alice who is” como uma assinatura que a poeta construiu para assinar os seus poemas.

estreou o seu percurso literário com a obra *Navalbanaliga* (1980). Conforme Murgel (2010), a obra é composta de poemas produzidos em meados dos anos de 1970, que contemplam as questões feministas de forma consistente. Posteriormente, vieram *Paixão xama paixão* (1983), *Pelo pelos* (1984), *HAI-TROPIKAI* (1985), *Rimagens* (1985), *Vice versos* (1988), *Desorientais* (1996), *HAIKAIS* (1998), *Poesia pra tocar no rádio* (1999), *YUUKA* (2004), *Salada de frutas* (2008), *Conversa de passarinhos* (2008), *Dois em um* (2008), *Três linbas* (2009), *Boa companhia* (2009), *Nuvem feliz* (2010), *Jardim de hajjin* (2010), *Proesias* (2010), *DOIS HAIKAIS* (2011), *Estação dos bichos* (2011), *Luminares* (2012), *HQ Afrodite: quadrinhos eróticos* (2015) e *Outro silêncio* (2015).

O projeto estético de Alice Ruiz é discutido através das diversas áreas das ciências humanas. O artigo “Encantando versos: a produção musical de Alice Ruiz”, a historiadora Murgel (2004) comenta que a poética da compositora curitibana expressa uma vivência pessoal, na qual a poeta se apropria dos próprios episódios de vida e dos eventos sociais de mundo, configurando-os a partir de um viés estético. Dentro desse contexto, a estudiosa evidencia que a escrita da poeta perpassa por diversas temáticas, como, por exemplo, a maternidade, a sexualidade, o corpo, o gênero, a crítica em torno das ideologias conservadoras e patriarcais. Com efeito, estes conteúdos são constituídos por diversas linguagens, a fim de potencializar a construção da figura da mulher.

Ainda em consonância com a historiadora, o discurso acerca da mulher na poesia de Alice Ruiz não elenca características estereotipadas do pensamento masculino, o que é típico de uma sociedade de tradições patriarcais. De acordo com Zolin (2009, p. 329), a construção da postura submissa e do estado de dependência da mulher na literatura é um modelo ideológico patriarcal. Dessa forma, percebemos o distanciamento de um perfil discursivo alienante da figura feminina, no qual a idealização da mulher é consolidada por um lirismo emotivo e delicado, cujas marcas estilísticas estão centradas no eufemismo para expressar uma disposição passiva e frágil. A canção “Ladainha”, a título de exemplo, escrita por Alice Ruiz e gravada pela intérprete Alzira Espíndola nos anos de 2006; lançada no álbum *Paralelas*, desconstrói um perfil de mulher romantizada por uma sociedade patriarcal, já que a voz lírica reflete sobre a sua própria autonomia na condução amorosa.

Era uma vez uma mulher
Que via um futuro grandioso
Para cada homem que a tocava
Um dia
Ela se tocou...

Eu pensava que o amor
Me faria uma rainha
E quando você chegasse
Não seria mais sozinha

Você chega da gandaia
Só pensando numazinha
Seu amor é pouca palha
Para minha fogueirinha

O que você jogou fora
É para poucos
O meu mal foi jogar
Pérolas aos porcos

Eu não sou da sua laia
Não quero sua ladainha
Pra ser mal acompanhada
Prefiro ficar na minha

A primeira estrofe da canção sugere uma atmosfera fantasiosa, próxima ao contexto dos contos de fadas (*era uma vez*), em que havia uma mulher que criava uma expectativa para cada homem com quem ela se relacionava, o que a deixava como personagem secundária em uma conduta amorosa. No que concerne à perspectiva de coadjuvante, Zolin (2009) discute que esta característica pertence a uma das três grandes fases da escrita de autoria feminina: a *imitação*. Conforme Showalter (1985 apud ZOLIN, 2009, p. 330), a imitação é uma característica de escrita das mulheres no período entre 1840 e 1880, na qual reproduzia-se os padrões dominantes da cultura da época. Dentro desse contexto, esta mulher (*que esperava um futuro grandioso/ para cada homem que a tocava*) apresenta um ideal de amor de inspirações patriarcais, já que o destino era motivado pela ação do homem.

No entanto, a epifania (*Um dia/ ela se tocou*) pode sugerir uma *autodescoberta*, que é uma das categorias destacadas por Showalter (apud ZOLIN, 2009, p. 330), uma vez que a estudiosa considera que é a busca de identidade pela mulher. Nesta etapa, há uma reflexão acentuada em torno de dados biológicos e psicológicos. Na canção, a voz lírica revela a descoberta desta mulher em relação às suas próprias escolhas no jogo amoroso, como também uma ambiguidade: a revelação de autossatisfação, ou seja, a não-dependência do companheiro para sentir prazer.

No que se refere à descoberta dos prazeres, ou da sexualidade, Foucault (1979, p. 149) comenta que esta discussão está inserida no âmbito do poder. Desse modo, esta perspectiva não se aplica essencialmente ao sexo; no entanto, situa-se, ainda em consonância com o filósofo, no corpo, nos órgãos sexuais, nos prazeres, nas relações de aliança e nas relações interindividuais. Desse modo, a voz da canção “Ladainha” expressa, a partir da epifania (*Ela se tocou*), uma

consciência de que o afeto é imprescindível para o prazer (*seu amor é pouca palha/ para minha fogueirinha*), como também pode abordar sobre o empoderamento feminino, já que adquire, através da percepção da sexualidade, o domínio da sua própria satisfação.

Na perspectiva estética, a tese *Navalbanaliga: a poética feminista de Alice Ruiz*, de Murgel (2010), lança mão de alguns elementos formais pertinentes à poesia de Alice Ruiz, tais como: os símbolos e tensão metafórica. Estes recursos contribuem para a construção imagética e discursiva na escrita da poeta. Além desses artifícios literários, a historiadora elenca alguns traços de musicalidade no projeto estético da compositora, como, por exemplo, as rimas, as assonâncias e a aliteração. A partir desse íterim, o poema visual “O que é a que é?”, publicado no livro *Navalbanaliga* (1980), apresenta um lirismo que se apropria de um discurso conservador e machista em torno da mulher, a fim de criticá-lo através de uma linguagem que se aproxima de um jogo, ou de uma adivinha:

Figura 1 - Poema visual “O que é a que é?”



Fonte: os autores, 2021.

O título “O que é a que é?” lança mão de um signo que é pertinente ao lúdico, uma vez que sugere ao receptor uma leitura próxima da adivinha, na qual o leitor é desafiado, através de um tom irônico, a desvendar as pistas que os versos propõem. A própria expressão que nomeia o poema apresenta um rastro estético que possibilita a descoberta da adivinhação, já que há uma troca do artigo definido masculino pelo feminino /a/. No que concerne à disposição da estrutura do poema, percebemos que a sua forma pode mimetizar uma concha, um seio, ou um óvulo, o que pode propor ao leitor uma infinidade de pistas para uma mesma resposta: a mulher. Alguns desses versos, como, por exemplo, “Usada e abusada/ Palpável mas ôca/ Amainada para mãe/ Acusada e recuada/ Calada e mal falada”, constroem, de maneira estereotipada, a figura da mulher. Os outros versos evidenciam uma mulher arrumada, na moda, com características físicas que atraem os homens, evidenciando um machismo peculiar do brasileiro.

A partir desse viés, em “O que é a que é?”, o eu lírico lança mão de versos que apresentam um ideal de mulher estereotipada, em que lhe denominaram de imaculada (*Domingo. dia do Senhor. não descansa*), de mãe (*Produz pouco porque já reproduz e isso lhe basta*), de coadjuvante (*Se for grande é porque está por detrás de um grande homem*) e de invejosa (*Suas tentativas de participação recebem como intromissão*). Estas concepções constroem um contexto social brasileiro dos anos de 1980, ano do lançamento da obra *Navalbanaliga*, dentro do qual foi projetada no poema uma sociedade opressora e patriarcal. Com efeito, o feminismo evidenciado na poesia de Alice Ruiz especifica a natureza patriarcal, que, de acordo com Bhabha (1998, p. 31), em *O local da cultura*, está baseada na divisão dos gêneros, em que a diferença entre o feminino e o masculino não se distribui de maneira organizada e justa.

O poema “tua mão”, a título de exemplo, dispõe de uma perspectiva erótica, cuja disposição da linguagem instiga o leitor a inferir significados de leitura através da dinamicidade dos versos e das expressões poéticas:

Tua mão
Em meu seio
Sim não
Não sim
Não é assim
Que se mede
Um coração
(Ruiz 2008, p. 30)

A partir da leitura, “tua mão” sugere uma representação do prazer e da consciência de que o amor não é medido apenas por meio do desejo através da seguinte afirmativa: “Não é assim/Que se mede/Um coração”. No campo analítico do poema, percebemos que o texto poético de Alice Ruiz não apresenta

sinais de pontuação, direcionando o leitor a um tipo de leitura intuitiva e imagética. Com efeito, Cohen (1974), em *Estrutura da linguagem poética*, comenta que a ausência dos sinais gráficos nas escritas de poetas é constituída por um signo da pausa, no qual o referido recurso estilístico contribui para a formação discursiva e imagética do texto. Desse modo, percebemos o movimento da mão nos seios da mulher através dos versos curtos e sem os sinais de pontuação “sim não” e “não sim”, o que pode favorecer a um ritmo intenso de leitura, a fim de mimetizar um estado de êxtase da voz lírica.

A partir desse viés, a temática do corpo e da sexualidade na poesia de Alice Ruiz exerce uma perspectiva afetiva, política e ideológica, uma vez que potencializa algumas questões do feminismo, da nudez e da consciência do prazer. Na próxima seção, discutiremos algumas estratégias de leitura que podem contribuir para a recepção da poesia da compositora curitibana na sala de aula.

Ensino de poesia e as estratégias de leitura

O ensino de poesia na sala de aula pode representar uma forma de poder quando mediada a partir de uma estratégia de leitura que possibilite a compreensão dos discursos sociais, históricos e de gênero. De acordo com Klinger (2014, p. 56), a obra literária é um lugar onde o leitor apreende as experiências de vida e as convenções de mundo por meio da linguagem. Desse modo, a literatura não pode ser apenas considerada como objeto estético; e sim como um espaço relevante onde o jovem leitor é afetado por um conteúdo de nível cultural.

Dessa forma, compreender a linguagem poética de Alice Ruiz possibilita ao adolescente um olhar sensível e crítico para as práticas sociais e cotidianas. Com efeito, a nossa sugestão metodológica se apropria, para os limites do artigo, de duas categorias das *Estratégias de leitura*, de Solé (1998): o *antes* e o *durante*.

No primeiro momento, a estudiosa comenta que é fundamental que os estudantes compreendam os objetivos da experiência de leitura, a fim de que possam acessar o seu próprio conhecimento prévio para compreender as temáticas elencadas na poesia de Alice Ruiz e o gênero poético.

Já *durante* a leitura, as atividades devem consistir nas observações das escritas de Alice Ruiz, já que, segundo Solé (1998), os estudantes devem compreender as estratégias de leitura para poder realizar as conexões e as inferências no processo de recepção do texto literário.

A partir desse viés, as atividades propostas abaixo correspondem a uma sugestão de experiência de leitura com dois (02) textos poéticos de Alice Ruiz no ambiente escolar em uma turma do 1º ano do Ensino Médio.

Antes da leitura e as conexões

O docente começará a aula abordando sobre as estratégias de leitura que utilizará na experiência com a canção “Ladainha”, de Alice Ruiz, a fim de que os alunos compreendam os objetivos da aula. Em seguida, o educador irá propor a leitura individual e silenciosa, já que acreditamos que esses recursos possibilitam o primeiro contato com o texto. Desse modo,

a leitura em voz alta não passa de um tipo de leitura que permite cobrir algumas necessidades, objetivos ou finalidades de leitura. A ‘preparação’ da leitura em voz alta, permitindo que as crianças façam uma leitura individual e silenciosa, antes da oralidade, parece-me um recurso que deveria ser utilizado (Solé, 1998, p. 99).

O educador, em seguida, proporcionará a leitura em voz alta, visto que a estratégia poderia “ajudar na apreensão mais ampla do poema” (PINHEIRO, 2007, p. 36). Na medida em que o aluno ouve as suas primeiras impressões sobre a canção e as percepções dos colegas, esse discente compreenderá a estrutura e os conteúdos de mundo que a canção contempla. Dessa forma, o docente pode sugerir o compartilhamento de leitura, que, segundo Cosson (2014, p. 40), é uma prática social. O quadro abaixo possibilita a organização do pensamento dos alunos, bem como das suas impressões de leitura da canção *Ladainha*:

O que a canção diz...	<p>T – T Esta canção me lembra outro texto...</p> <p>T – L Esta canção me lembra de quais experiências pessoais...</p> <p>T – M Esta canção me lembra de eventos de mundo...</p>
Essa conexão me ajuda a entender o texto, pois...	

Durante a leitura e as inferências

Posteriormente, os alunos recepcionarão o poema “O que é a que é?” de Alice Ruiz. No primeiro momento da experiência, a leitura silenciosa, já que, de acordo com Solé (1998), se faz significativa, uma vez que o docente observará a realização do processo de leitura, como também as percepções individuais dos estudantes.

A leitura do poema possibilita uma reflexão acerca da figura da mulher. Em virtude disso, o professor elencará alguns questionamentos aos alunos:

- Como a mulher é construída no poema “O que é a que é”? E quais concepções de mulher eu consigo visualizar nos poemas?
- Qual o contexto histórico e social presente no poema? Esse contexto é refletido nas escritas de Alice Ruiz?

Os questionamentos possibilitariam a construção dos bastidores sociais da escrita de Alice Ruiz, o que pode favorecer a compreensão dos poemas. Abaixo, há um quadro organizador que pode contribuir para a organização da recepção dos discentes:

Minhas questões sobre o que eu li	
Quais pistas de leitura eu tenho para compreender os textos	O que eu já sei sobre as temáticas apresentadas no poema de Alice Ruiz
Minhas inferências	

Considerações finais

A experiência de leitura com a poesia de Alice Ruiz na escola possibilita um compartilhamento das percepções dos estudantes sobre a mulher, o contexto histórico-social e a sexualidade, o que pode direcionar a reflexão de sua escrita na sala de aula.

Ao responder e indagar certos questionamentos a partir da interação com o texto poético, o jovem leitor pode reconstruir o imaginário social da época da produção poética da compositora curitibana para compreender as atuais críticas em torno da misoginia, do machismo e das relações abusivas.

Com efeito, lançar mão da experiência de leitura em sala de aula pode contribuir não apenas para a apreciação estética; e sim para a construção de um imaginário social contemporâneo à realidade do alunado, como também compreender a representação da mulher no contexto social, por meio da história, do feminismo e da literatura.

Referência

- BHABHA, Homi K. (1998). **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. E. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GIOTTO, C.G.G.S. e SOUZA, R.J. **Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem**. In: SOUZA, R.J. de [et al]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas – SP, Mercado das Letras, 2010.
- KLINGER, Diana. **Literatura e ética: da forma para a força**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. **Navalhanaliga: a poética feminista de Alice Ruiz**. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. **Encantando versos: a produção musical de Alice Ruiz**. Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3. ed. ampliada. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- RUIZ S., Alice. **Dois em um**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schilling – 6. edição. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- XAVIER, E. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória**. *Rev.Mulher e Literatura*, Rio de Janeiro, 1998.
- ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista e Literatura de autoria feminina**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.
- ZOLIN, Lúcia Osana. **Pós-modernidade e literatura de autoria feminina no Brasil**. 2009. Congresso de Leitura do Brasil, Unicamp – SP. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_1058.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.